

LINGUASAGEM

ESTUDO TOPONÍMICO DAS VILAS, DISTRITOS E COMUNIDADES DO MUNICÍPIO DE MISSAL – PR¹

Bruna Junges²

RESUMO

A partir de uma pesquisa de iniciação científica, foi possível relacionar a influência religiosa do processo de colonização do município de Missal- PR com as motivações toponímicas de vilas, distritos e comunidades. Logo, foi necessário compreender os processos históricos, culturais e sociais que permeavam a colonização dessa cidade. Para a fundamentação teórica foram utilizados estudos sociológicos propostos por Elias e Scotson (1992) em seu clássico estudo dos *Insiders* (estabelecidos) e *Outsiders* em confluência com os estudos onomásticos de Dick (1992), Seide (2010) e Bastiani (2016). Nessa pesquisa foram analisados todos os 29 topônimos do município objeto de estudo, dos quais 47% deles apresentam motivação religiosa. Verificou-se também que apenas na toponímia *outsider* houve motivação de natureza física.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica; Toponomástica; Religião.

RESUMEN

A partir de una investigación de iniciación científica, fue posible relacionar la influencia religiosa del proceso de colonización del municipio de Misal-PR con las motivaciones toponímicas de villas, distritos y comunidades. Luego, fue necesario comprender los procesos históricos, culturales y sociales que permeaban la colonización de esa ciudad. Para la fundamentación teórica fueron utilizados estudios sociológicos propuestos por Elias y Scotson en su clásico estudio de los *Insiders* (establecidos) y *Outsiders* en confluencia con los estudios onomásticos Dick (1992). Seide (2010) y Bastiani (2016). En esa investigación fueron analizados todos los 29 topónimos del municipio objeto de estudio, de los cuales 47% de ellos presentan motivación religiosa. También se encontró que solo en la toponimia *outsider* había motivación de naturaleza física.

PALABRAS-CLAVE: Onomástica; Toponomástica; Religión.

¹ Trabalho oriundo de Iniciação Científica voluntária orientada pela Profa. Dr Márcia Sipavicius Seide ao longo do ano letivo de 2021.

² Acadêmica do curso de Letras/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: brunadotjunges@hotmail.com.

Considerações iniciais

Por meio do estudo do léxico de um idioma, é possível desvendar muitas informações a respeito da sociedade, principalmente a partir da Onomástica, ramo da Lexicologia responsável pelo estudo dos nomes próprios que revela os aspectos culturais e históricos implícitos nas nomeações. A Onomástica divide-se em duas áreas principais, a Antroponomástica, estudo dos nomes de pessoas, e a Toponomástica, estudo dos nomes de lugares. Este artigo está embasado nos estudos toponímicos e na premissa de que “os nomes de lugares são plenos de significados e sentidos” (Seide, 2010, p. 5), tendo em vista que a escolha de um topônimo é resultado de uma observação humana, segundo Filgueiras (2011 *apud* Bastiani, 2016), a partir do significado de um nome, podemos conhecer e reconhecer os valores de uma comunidade uma vez que a pesquisa toponímica reconstrói o ato de nomeação realizado por um determinado grupo social.

O processo de nomear não acontece separadamente de seu contexto social, o nome carrega o testemunho de uma história, e é responsável por manter essa história viva, identificando e significando o espaço. A motivação toponímica só pode ser compreendida se seu contexto sociocultural, histórico e tudo aquilo que envolve o momento da nomeação for levado em consideração (Bastiani, 2016).

Este artigo apresenta duas categorizações distintas de topônimos, os topônimos *Insiders* (estabelecidos) e os topônimos *Outsiders*. Essas categorizações surgiram a partir das contribuições sociológicas de Elias e Scotson (1992) em seu clássico estudo sobre os Estabelecidos e Outsiders. Enquanto a primeira categoria congrega resultados de nomeações feitas pelo grupo social hegemônico na região que apresenta características próprias, a segunda categoria reúne nomeações que são provenientes de outro grupo social, minoritário, que não apresenta as mesmas características do grupo hegemônico.

Este artigo está organizando em quatro sessões, a primeira apresenta o contexto histórico de Missal, a segunda, os topônimos *Insiders* e a terceira, os topônimos *Outsiders*, a quarta sessão dedica-se à análise dos resultados e as conclusões alcançadas através deste estudo. As considerações finais encerram o artigo.

Sobre Missal

Para compreender o cenário das motivações toponímicas, é preciso investigar a histórica local afim de resgatar as memórias do lugar, para tanto, foram significativas as contribuições de Lunkes (2005) em cuja obra, há muitos relatos, entrevistas, histórias, textos, fotografias e registros de lembranças. Cumpre informar que boa parte do conteúdo publicado no livro foi extraído do *Projeto Chá da memória – Missal Resgatando sua História* (1999) que ocorreu em todas as comunidades do município, num total de 30 reuniões com os pioneiros, com listas de presenças, fotos e fatos, gravações contando a história das suas comunidades, desde o início da colonização de Missal:

A princípio o livro conta a história do Oeste do nosso estado, com suas ocupações, posses, conflitos e colonizadoras. A Gleba dos Bispos, Siplal Colonizadora, emancipação e desenvolvimento de Missal são detalhados com depoimentos, fotos e bibliografias de jornais e revistas. Por último, narra a história das comunidades do município de Missal (Lunkes, 2005, p. 9).

O município em questão, está localizado no oeste do Paraná, sua colonização permeia a década de 60, e sua criação iniciou a partir de ações governamentais propostas no governo de Moyses Lupion em uma organização denominada Marcha para o Oeste, cujo objetivo era colonizar áreas até então não habitadas, dessa forma, o governador doou 100 colônias para dioceses de Jacarezinho, Palmas, Londrina, Toledo e Maringá – cidades do PR com predominâncias católicas. A Colonizadora Siplal sob coordenação do Padre José Backes organizou a venda das terras, organização dos lotes e elaboração de um plano social de colonização, pautado em um sistema cooperativista, dentro da legislação vigente e venda de terras somente para descendentes de alemães católicos. Com orientação do Bispo Dom Geraldo Sigaud, líder dos bispos, Padre José Backes loteou três mil alqueires, formando o município de Missal (Lunkes, 2005).

Para tanto, a colonizadora divulgou as terras onde a predominância de descendentes de alemães católicos era maior, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. O plano social elaborado pela Diocese atraía inúmeros compradores, contudo, as pessoas que não faziam parte deste perfil, atraídas pelas propagandas da Marcha pelo Oeste e conseqüentemente das dioceses, vindas de diversas regiões do Paraná, Minas Gerais e São Paulo não eram bem-vindas. Esses moradores mediam as terras, faziam as divisas e a derrubada do mato. Essas pequenas propriedades eram chamadas de posses, ou seja, esses pequenos agricultores, juntamente com suas famílias, ocupavam pequenas áreas de terras devolutas ou improdutivas, terras que não estavam sendo utilizadas e/ou que pertenciam ao governo, esses “posseiros”

como são conhecidos, não possuem o título e a documentação da propriedade, entretanto, a utilizavam apenas para praticar a agricultura de subsistência e o trabalho da própria família (Lunkes, 2005).

Essas pessoas intituladas “posseiros” eram comumente confundidas com grileiros e jagunços, os primeiros são, geralmente, grandes fazendeiros que para se apropriar dessas terras devolutas e/ou terras de posseiros, contratam esses segundos, conhecidos como “jagunços” para expulsar esses moradores que estão fixados nessas terras, e assim conseguem de maneira não oficial a documentação – falsificação – e exigem os terrenos, utilizando-se da violência.

Em muitas comunidades, houve grandes conflitos, inclusive mortes dos donos das terras, posseiros e jagunços. Esses moradores que não pertenciam a Gleba dos Bispos, passaram por muitas dificuldades, como falta de estradas, moradias, alimentação, doenças e perseguições por conta das posses das terras.

Pessoas ligadas ao Padre José Backes constituíram o grupo dos *Insiders* ou Estabelecidos (Norbert; Scotson, 1992). O restante das áreas, em volta da Gleba dos Bispos, eram áreas de posses, com conflitos de terras, comunidades desamparadas, que surgiram graças à união e persistência dos moradores. Este conjunto de pessoas apresentou características dos grupos *Outsiders*.

Conforme o estudo dos sociólogos, o grupo dos *Outsiders* é formado por indivíduos que são excluídos do grupo dos Estabelecidos que considera os *Outsiders* como inferiores por não atenderem as regras e valores do grupo. Os *Insiders*, por sua vez, são os estabelecidos: são os que atribuem aos seus membros características superiores a fim de manter sua superioridade social. A exclusão proposta pelo grupo, garante a preservação da identidade, valores, normas e preceitos estabelecidos. Sendo assim, um grupo só pode estigmatizar outro quando este está em situação de poder e de superioridade:

A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder. A superioridade de forças do grupo estabelecido baseava-se no alto grau de coesão de famílias que se conheciam a duas ou três gerações, em contraste com os moradores recém-chegados, que eram estranhos não apenas para os antigos residentes como também entre si. Um era estreitamente integrado, o outro, não. Esta falta de coesão era usada para excluir e estigmatizar os *Outsiders* (Cidade, 2000, p. 23).

As categorias *Insiders* e *Outsiders* propostas por esses sociólogos possibilitaram uma análise mais profunda da formação do município de Missal, tendo em vista que o município

contou com um planejamento de colonização, propostos por Padre José Backes e Roberto Brandão (engenheiro civil), baseando-se na implementação do *regime de pequena propriedade rural*, apoiada num sistema cooperativista, capaz de assistir os colonos e suas famílias nas necessidades sociais, recreativas, religiosas, educacionais e cívica:

Assim como nas demais colonizadoras do Oeste do Paraná, havia exigências, critérios e normas a serem seguidas: que fosse de origem alemã (euro-brasileiro), pequenas propriedades, católicos e com condição de que viesse morar em dois anos, na propriedade adquirida (Lunkes, 2005 p. 43).

Dessa forma, aquele que não “atendesse” às exigências, não poderia estabelecer moradia nesta comunidade, entretanto, outros moradores acabaram comprando e/ou se apossando de terras com menores valores ao redor da chamada *Nova Alemanha*, topônimo não oficial usado pelos habitantes locais para designar *Missal*.

O nome escolhido para a cidade conta toda a sua história, os bispos queriam um nome que remetesse a fé católica, ou simbolizasse, de alguma maneira, a religião católica, todos conheciam a região por *Gleba dos Bispos* ou *Terra dos Bispos* o nome escolhido foi *Missal*, segundo Lunkes (2005, p. 14)

a escolha deste nome é dedução do livro em que o sacerdote da Igreja Católica se orienta para a liturgia da Santa Missa. A justificativa de terem escolhido este nome é a seguinte: assim como o livro *Missal* é fanal do trabalho espiritual do sacerdote, as terras são fanal do trabalho agricultor.

Além de a cidade carregar um nome religioso, muitas ruas homenageiam figuras católicas, a Avenida principal denominada *Avenida Dom Geraldo Sigaud* reverencia o líder dos Bispos, grande responsável pela colonização juntamente com Padre José Backes, a igreja Matriz foi projetada para estar no final e ponto mais alto da avenida, outras ruas como Padre Theodor Amstad e João XXIII são exemplos de homenagem a figuras religiosas.

A análise do material disponibilizado no livro de Lunkes (2005) permitiu uma análise inicial dos topônimos de acordo com a taxionomia proposta por Dick (1992). Dos 29 topônimos analisados, há 16 topônimos religiosos: *Esquina São Paulo; Padre Feijó; São Silvestre; São João; Linha Glória; São José dos Pinhais; São Sebastião; Linha São Francisco Xavier; Linha Santa Catarina; São Pedro; São José; Santa Cecília; Dom Armando; Linha Padre Rick; Assentamento Santa Isabel e Ponte São Vicente*. Outros 14 apresentam outras motivações: *União da Vitória; Vista Alegre; Portão Ocoi; Jacutinga; Linha Alto e Médio Rio Branco;*

Bandeirantes.; Cabeceira do Cedro; Sanga Seca; Bandeirantes; Esquina Gaúcha; Linha Caçador; Linha Três Irmãos; Vista Alta; Boa Esperança.

A utilização da caracterização sociológica dos grupos sociais em *Insiders* e *Outsiders*, por sua vez levou à formulação da hipótese de existência de duas toponímias (conjunto de topônimos): a toponímia *Insider* e a toponímia *Outsider*.

Os *Insiders*: Oito Lugares nomeados dentro da Gleba dos Bispos

Nesta sessão o enfoque está nos nomes e histórias das comunidades consideradas *Insiders*, cuja nomeação era oriunda dos estabelecidos dentro da Gleba dos Bispos, ou como chamada “a nova Alemanha” esses moradores eram amparados pela igreja e desfrutavam de segurança, moradias, escolas e hospitais.

As nomeações *Insiders* são as seguintes:

Nome	Designação
São Pedro	Comunidade
São José	Comunidade
Caçador	Linha
Ponte São Vicente	Comunidade
Padre Rick	Linha
Santa Cecília	Comunidade
Três irmãos	Linha
Dom Armando	Comunidade

Quadro 1 – Nomeações *Insiders*³

A comunidade de *São Pedro*, a princípio, tinha o nome de linha⁴ Barreiro porque havia lugares perto de um Rio intitulado Rio Jacu e São Vicente, onde muitas antas, veados e outros animais silvestres tomavam água e formava muito barro. Estes pontos não eram só o preferido dos animais, como também dos caçadores. Mais tarde, com a chegada de novos moradores a comunidade recebeu o nome de São Pedro (Lunkes, 2005). No início da colonização, os primeiros moradores vieram do Rio Grande do Sul, em caravanas organizadas pela colonizadora para conhecer a Gleba dos Bispos. Os moradores ficaram encantados com as

³ Fonte: Elaboração própria.

⁴ Linha refere-se a um “Conjunto de pessoas, animais ou coisas dispostas lado a lado; fila, fileira” (Michaelis, 2015).

propostas da Sipal Colonizadora e da Cooperativa, todos eles recebiam alertas do Padre José Backes em relação a presença de Jagunços e posseiros, visto que apresentavam ser perigosos.

A segunda nomeação analisada é a comunidade de *São José*. O nome foi dado em homenagem ao Padre José Backes, o organizador da colonização. Estes moradores, assim como o restante da Gleba dos Bispos, vieram atraídos pelas propagandas nos órgãos da imprensa da época, com a divulgação do projeto de cooperativa, escolas e igrejas (Lunkes, 2005).

A terceira comunidade analisada é a *Linha Caçador* que recebeu este nome por intermédio do Padre José Backes, a partir de uma reunião com os moradores locais, observaram que havia muitos animais silvestres naquela região e somado ao fato dos moradores gostarem de caçar, acreditou-se que este seria um bom nome para representar a comunidade. Essas terras foram adquiridas através da Sipal Colonizadora e conseqüentemente a Gleba dos Bispos, no início a comunidade pertencia a São José, mais tarde foram crescendo e construindo escola, igreja e clubes próprios (Lunkes, 2005).

Na sequência da análise, encontra-se a comunidade de *Ponte São Vicente* que recebeu este nome por estar localizada nas proximidades do Rio São Vicente, e nela foi construída uma ponte. Com a construção da usina de Itaipu, em 1984, grande parte da comunidade foi alagada (Lunkes, 2005).

Linha Padre Rick situa-se entre o Rio São Vicente e a sede do município, os moradores souberam da Gleba dos Bispos por conta das propagandas, a colonizadora organizou caravanas, e muitos moradores visitaram as terras, gostaram e se mudaram para Missal, o objetivo era fazer uma nova Alemanha. Alguns moradores da *Linha Padre Rick* eram descendentes de italianos, e relatam ter sofrido muito preconceito, inclusive, o Padre José Backes pediu que os colonos de origem italiana vendessem suas terras.

A respeito da motivação toponímica da comunidade de *Santa Cecília* não há relatos escritos, sabe-se que as famílias vieram do sul do Brasil, nos anos de 1967 a 1970, atraídos pelas propagandas e em busca de terras planas e férteis.

Os moradores da *Linha Três Irmãos* migraram do Sul do país, no início de 1965. Adquiriram terras da Gleba dos Bispos, não houve problemas com a terra pois a firma só vendia as áreas mediante as escrituras definitivas, a comunidade recebeu este nome em homenagem aos três irmãos pioneiros.

A última comunidade pertencente aos topônimos *Insiders*, é a comunidade de *Dom Armando*, no início o nome era para ser Dom Geraldo, mas foi definido pela comunidade que seria feita a homenagem a Dom Armando Cirio, Bispo de Toledo (Lunkes, 2005).

Essas oito comunidades pertencem à Gleba dos Bispos intitulada Missal. Na obra de Lunkes (2005) não há relatos de invasão, mortes e conflitos, mas há registro da existência nas falas dos entrevistados por ela de avisos quanto a invasores e posseiros próximo a região, o preconceito com eles e quaisquer outros que não fossem do perfil alemão e católico, como, por exemplo, na comunidade linha Padre Rick, que muitos sofriam exclusão, o objetivo era “peneirar” as pessoas de dentro da Gleba. Conforme disposto, a predominância das nomeações é religiosa, e sempre com orientação do Padre.

Os *Outsiders*: 21 topônimos fora da Gleba dos Bispos

Nesta sessão, estão organizados os topônimos de fora da Gleba dos Bispos, são 21 topônimos considerados *Outsiders*:

Nome	Designação
Esquina São Paulo	Esquina
Padre Feijó	Comunidade
São Silvestre	Comunidade
Boa Esperança	Comunidade
São João	Comunidade
União da Vitória	Comunidade
Vista Alegre	Comunidade
Cabeceira do Cedro	Comunidade
Portão do Ocoí	Comunidade
Linha Glória	Linha
Sanga Seca	Comunidade
Jacutinga	Comunidade
Linha Alto e Médio Rio Branco	Linha
São José dos Pinhais	Comunidade
São Sebastião	Comunidade
Linha Bandeirantes	Linha
Esquina Gaúcha	Esquina
São Francisco Xavier	Comunidade
Linha Santa Catarina	Linha
Vista Alta	Comunidade
Santa Isabel	Assentamento

Quadro 2 – Nomeações *Outsiders*⁵

O nome da comunidade *Esquina São Paulo* surgiu porque estava localizada em uma esquina que seguia para outras comunidades, essa região era área de posse, no início, houve muitos problemas com a invasão de jagunços e grileiros, a comunidade unia-se para evitar as invasões, no ano de 1965, com auxílio do governo militar e a desapropriação, “foi determinado

⁵ Fonte: Elaboração própria.

que a terra seria de quem estivesse morando nela” (Lunkes, 2005, p. 326). Anos mais tarde, com o tratado da Itaipu em 1973, grande parte da comunidade foi inundada, muitas famílias não foram indenizadas devidamente, resultando no abandono das áreas que restaram.

A comunidade de *Padre Feijó* anteriormente se chamava Vila Farrapos, porque moravam três famílias que moravam na cidade de Farrapos – RS, esses colonizadores migraram do Sul do Brasil em busca de novas alternativas, outros, fugidos pela justiça (Lunkes, 2005). As áreas dessa região eram de posse, houve invasões, despejos, e outros problemas relacionados às terras, os moradores enfrentaram muitos problemas até conseguir de fato as documentações oficiais, moradores contam que os problemas com as terras começaram cedo, entraram na justiça e dentro de quatro anos não podiam plantar e nem derrubar mato, chegaram a passar fome e miséria com famílias numerosas, alguns com mais de oito filhos pequenos, do dia pra noite recebiam ordem de despejo e muitas vezes precisavam pagar a terra duas vezes. Em 1980 com a desapropriação das terras devido a construção da usina de Itaipu, muitos moradores foram para outras regiões, abandonando as terras (Lunkes, 2005).

A comunidade de *São Silvestre* recebeu este nome em 13 de abril de 1966, quando o Padre Beno Beuren rezou a primeira missa. Em reunião, o Padre Beno e os moradores optaram pelo nome de *São silvestre* para a comunidade. As áreas dessa região eram de posses, em 1968, a firma responsável pela venda das posses entregou as escrituras, mas os Jagunços alegavam que as escrituras eram falsas. Em 1980, saíram as escrituras oficiais, e os moradores ficaram seguros. Em abril de 1973, Brasil e Paraguai assinaram o tratado que criou a Itaipu Binacional, em São Silvestre muitas terras foram alagadas, resultando no abandono das terras (Lunkes, 2005).

A comunidade de *Boa Esperança* recebeu este nome, escolhido por moradores, junto com pároco da época, Pe. Beno Beuren, segundo (Lunkes, 2005, p. 345)

parte da comunidade pertencia à Gleba dos Bispos, até próximo a igreja, o restante, eram áreas de posses, a comunidade não enfrentou problemas com Jagunços, mas com a construção da usina de Itaipu, muitas áreas foram alagadas, moradores foram indenizados e mudaram-se para outras regiões.

A comunidade de *São João* recebeu o nome devido estar próxima a um rio chamado Rio São João (Lunkes, 2005). A comunidade era área de posse, os moradores que compravam essas terras sabiam desta realidade, mesmo assim ocupavam a terra, faziam as roçadas e derrubadas das árvores, e ali construía suas vidas.

A comunidade de *União da Vitória* foi povoada por moradores vindos da região Sul do país e com a esperança de comprar terras de segunda mão, ou seja, de posse. Essa região enfrentou inúmeros conflitos de terras, em dezembro de 1963, jagunços invadiram as propriedades e os moradores procuraram o juiz de Foz do Iguaçu e por fim um advogado, no qual se prontificou a ir a Curitiba regularizar a situação dos moradores.

A comunidade se uniu e pagou as despesas do advogado que auxiliou no processo de regularização das propriedades, por este motivo, os moradores decidiram homenagear o local com o nome de União da Vitória, visto que todos uniram e venceram os desafios e injustiças. Desde 1978 os moradores têm suas terras escrituradas e legalizadas.

O nome *Vista Alegre* “foi escolhido em um bar, um morador sugeriu e todos aprovaram” (Lunkes, 2005, p. 307). Esta comunidade era região de posse de terra, localizada próxima a Gleba dos Bispos, muitos moradores afirmam que o Padre José Backes, responsável pela colonização da Gleba dos Bispos, não deixavam que comerciantes de Missal – Gleba dos Bispos – vendessem para a comunidade de Vista Alegre, por serem posseiros. Os moradores enfrentavam o preconceito, dificuldades nas posses, divisas, estradas e documentos. Essas comunidades, eram amparadas pelo Padre Beno e apenas anos mais tardes os moradores conseguiram regularizar suas terras.

A comunidade de *Cabeceira do Cedro* recebeu este nome porque havia um rio na comunidade, e na nascente havia um pé de cedro. Segundo Lunkes (2005, p. 293), “as primeiras famílias entraram no início da década de 60 e a área era de posse. Os primeiros entraram, gostaram da área, invadiram e cada um marcou o seu pedaço e foram fazendo roça. Não compraram. Mais tarde o Incra legalizou”. Nesta comunidade não houve relatos de conflitos com Jagunços.

A comunidade de *Portão do Ocoí* recebeu este nome pois ficava próxima ao Rio Ocoí e havia um portão que era controlado para não haver tráfegos em dias de chuvas, além disso servia como posto fiscal. Havia guardas que faziam interrogatório para os que passavam (Lunkes, 2005). A colonizadora responsável pela venda de terras nessa região, foi a Pinho e Terra, fundada em 1946. Nessas regiões, houve muitos conflitos de posse de terras, os jagunços impediam que a comunidade se desenvolvesse.

Tinha Jagunços, mas fizemos amizades com eles. Eles eram intrusos que estavam cuidando das posses. Eles tomavam chimarrão conosco e contavam tudo. Vinham pegar palha para fazer cigarro. Um dia me trouxeram um remédio para a perna: cachaça com casca de cascavel. Eles não traziam

mulheres, nem crianças. Quando descobriam algum posseiro eles faziam trincheiras, diziam que iam queimar os pertences e ameaçavam matar - Relato de Elizabete Ferrari (Lunkes, 2005, p.246).

As situações enfrentadas pelos moradores de fora da Gleba dos Bispos foram recorrentes por muitos anos, essas pessoas conheciam o Padre José Backes, e ouviam falar da colonização de Missal, conhecida como a *Nova Alemanha*.

Para escolher o nome da comunidade de *Linha Glória* contaram com auxílio do Padre Beno Beuren e optaram por homenagear a comunidade com o nome de Glória, pois na primeira missa rezada pelo padre, ele trouxe uma estátua da Padroeira Nossa Senhora da Glória, dessa forma, decidiram que o nome da Padroeira seria também o nome da comunidade. Essa comunidade enfrentou também muitos problemas com as posses de terras, falta de estradas, alimentos e acesso a saúde (Lunkes, 2005).

A comunidade de *Sanga Seca* recebeu este nome devido ao córrego Sanga Seca que está localizado na comunidade e que em épocas de estiagem secava, esta comunidade também era região de posse, no início em 1961, houve muitos problemas entre jagunços e posseiros. E no ano de 1977, o Incra regularizou as propriedades. Assim como em outras regiões, a falta de estrutura, estradas e apoio dificultou muito o desenvolvimento das famílias, que se agarravam na fé e nos amigos (Lunkes, 2005).

O nome *Jacutinga* foi dado à comunidade porque na região havia uma grande quantidade de jacutingas (ave galinácea). A comunidade situa-se entre a Linha Médio Rio Branco, Linha Glória e Bandeirantes, é uma região de posse, os moradores enfrentaram muitos problemas com os jagunços, o prefeito da época inclusive se envolveu e apoiou os posseiros, segundo relato dos colonizadores, policiais defendiam os fazendeiros, aterrorizando e ameaçando os posseiros, muitos moradores ficavam escondidos dias dentro das matas. Por ser uma região de conflitos, as terras eram muito baratas, podiam ser trocadas por revolveres, animais e utensílios. No ano de 1964, houve confronto entre moradores e jagunços, com troca de tiros, facas e foices. Os jagunços entraram na justiça alegando invasão de propriedade, os moradores chamaram um fotografo que registrou as benfeitorias, criações de animais e plantações, dessa forma, conseguiram provar que as terras de fato eram dos moradores (Lunkes, 2005).

O nome das localidades de *Linha Alto e Médio Rio Branco* se deve ao Rio Médio Rio Branco, que passa pelas comunidades. É uma região de muitos morros, blocos de pedras e fazendas (Lunkes, 2005). As regiões de *Linha Alto e Médio Rio Branco* eram regiões de posses

e de muitos conflitos com jagunços, nas duas comunidades ocorreram muitas mortes, não só por conflitos de terras, mas por motivos fúteis. Os jagunços ameaçavam as famílias, os posseiros por vezes dormiam na mata.

A linha 18 fazia parte do médio rio branco. Era uma comunidade forte com 40 famílias que possuíam pequenas propriedades. Houve evasão dos moradores e os fazendeiros foram adquirindo as propriedades uma após as outras. A capela desta comunidade foi reconstruída na linha médio rio branco. Na linha 18, como era chamada, existem vestígios de construções de moradias, poços e um cemitério, onde os defuntos quase todos foram assassinados. O professor de médio rio branco, João matos, também foi assassinado (Lunkes, 2005, p. 270).

Os moradores relatam que sabiam que as terras eram de posses, mas populares falavam que o governo havia liberado as terras para a produção agrícola, e isso encorajou muitos moradores a enfrentarem os problemas de posses.

A comunidade de *São José dos Pinhais*, era área de posse, mas não enfrentou problemas de invasão. Atritos aconteciam no sentido de divisa entre as terras, pois os terrenos eram medidos sem um parâmetro oficial. “O solo era fértil, por isso as pessoas adquiriam ou se adonavam das terras, formando a comunidade que recebeu este nome por escolha de um morador, pois havia várias árvores (pinheiros) na comunidade” (Lunkes, 2005, p. 255).

Os moradores de *São Sebastião* eram muitos devotos de São Sebastião e por isso a comunidade recebeu este nome. Era também conhecido por Pito Acesso, devido às mortes que lá ocorreram em virtude de conflitos entre posseiros e Jagunços, “infelizmente, com sangue também se escreveu a história de Missal” (Lunkes, 2005, p. 251).

Segundo informações de pioneiros, os primeiros moradores vieram do Portão Ocoi, pelo córrego Pinheirinho até São Sebastião. Era região de posse (mediam a terra com cordas) com pequenas propriedades rurais. Tornou-se uma comunidade forte (Lunkes, 2005, p. 251).

Os moradores dessa região, enfrentaram muitas lutas de posse de terras, em setembro de 1970, receberam o aviso que as terras onde construíram sua vida, tinham donos, e os moradores seriam despejados. Os posseiros procuram o prefeito da época, porém sem sucesso. A comunidade se reuniu e decidiram enfrentar os grileiros (dono e seus comparsas). Os moradores prepararam trincheiras, quando o dono das terras, advogado e policiais estavam chegando na região, os posseiros escondidos na mata os receberam com tiros, neste dia seis

peças morreram, o dono, policiais e amigos. Um policial fingiu-se de morto, arrastou-se pela mata até chegar na comunidade de São Francisco, lá um morador levou-o para Medianeira, onde comunicou as autoridades sobre o ocorrido.

Os posseiros fugiram, escondendo-se na mata e em outras comunidades, o batalhão de Foz do Iguaçu chegou na comunidade para prender e expulsar os posseiros. Mulheres e crianças foram agredidas, os policiais queriam saber o paradeiro dos posseiros, algumas famílias se refugiaram em casas de parentes e voltaram meses depois, encontrando suas moradias destruídas, plantações, animais e pertences saqueados. Mais tarde, o Incra fez a demarcação e legalizou a situação dos moradores.

A comunidade de *Linha Bandeirantes* surgiu em 1970, com famílias vindas de Cambará e Bandeirantes, norte do estado do Paraná. Eram trabalhadores das fazendas de café e resolveram morar na comunidade que depois recebeu o nome de Linha Bandeirantes. A maioria dos moradores vieram de Minas Gerais, regiões do nordeste e São Paulo, é uma comunidade com uma realidade diferente das demais, pois uma grande maioria são descendentes de escravos. As terras eram de posses, havia muitos problemas com as documentações, alguns moradores chegavam a pagar duas vezes pelo mesmo pedaço de terra, mais tarde, o Incra regularizou as terras.

A comunidade de *Esquina Gaúcha* também é conhecida por “placa” ou “plaquinha”, no local havia uma placa da firma Sipal Colonizadora – responsável pela colonização da Gleba dos Bispos, a terra da comunidade era de posse e, encontraram muitos problemas com Jagunços, havia ali 18 colônias que eram devolutas e não tinham dono. “O Padre José Backes ‘quis colonizar’, mas os Jagunços tomaram as terras dele. Eles tinham um líder” (Lunkes, 2005 p. 313). Segundo relato de moradores: “tínhamos muito medo dos Jagunços, muitas vezes ficávamos espiando e não dormíamos a noite. Nunca tinha visto alguém armado, era na época dos problemas entre moradores e jagunços na linha São Sebastião” (Lunkes, 2005 p. 313). Os moradores relatam ainda que não podiam ir as festas e bailes no Clube 19 de Março – Clube tradicional da cidade de Missal, na época pertencia a Gleba dos Bispos - pois não eram permitidas as entradas de posseiros, acreditavam que esses “posseiros” eram jagunços.

O nome da comunidade de *São Francisco Xavier* foi escolhido pelo Padre Beno Beuren, (Lunkes, 2005). Os moradores vieram em 1964, a área era de posse, mas o dono das terras ao perceber que sua propriedade fora invadida, entregaram-na livremente, não houve conflitos de terras nessas regiões. Essa região, fazia divisa com a Gleba dos Bispos, segundo o relato de um morador, “no início os moradores da Gleba dos Bispos tinham medo dos moradores desta

comunidade, pois ‘lá moravam negros’ (Relato de Antonio Braga)” (Lunkes, 2005, p. 261). Outro relato mostra quanto os *Insiders* – estabelecidos – eram preconceituosos e excludentes com os moradores *Outsiders*:

Aristides Weber Rabelo conta que veio até a placa da Gleba dos Bispos e que não podia entrar porque era uma Nova Alemanha e brasileiro não podia entrar. Conversaram com Darci Mognol e resolveram comprar uma posse, em linha São Francisco, abrindo e roçando estradas (Lunkes, 2005, p. 269)

A *Nova Alemanha* era conhecida em toda a região, todos ouviam falar do projeto de colonização, das escolas, igrejas, do auxílio das irmãs enfermeiras e parteiras, enquanto ali tinha tudo, ao redor faltava tudo.

As famílias da comunidade de *Linha Santa Catarina* vieram do estado de Santa Catarina, o nome da comunidade originou-se porque o apelido de um dos primeiros moradores era Catarino, por ter vindo do estado de Santa Catarina. “A região da Linha Santa Catarina, eram terras de posses. Mas não houve conflitos entre posseiros e Jagunços, o início da colonização foi muito difícil, as estradas tinham acesso somente até a divisa da Gleba dos Bispos” (Lunkes, 2005, p. 310).

A comunidade de *Vista Alta* é uma região montanhosa e distante de Missal. O primeiro nome da comunidade era Serro do Mico, por ser uma região montanhosa e ter muitos micos (macacos). Mais tarde resolveram chamar a comunidade de Vista Alta, visto que está localizada em uma das regiões mais altas do município, com privilégio de ter uma visão panorâmica de toda a região (Lunkes, 2005). A maioria dos pioneiros vieram de regiões do Sul do Brasil, as terras eram de posse e os moradores enfrentaram muitas dificuldades como falta de estradas, alimentação, doenças e conflitos por terras, houve muitas mortes nessa região, compravam as terras a troco de qualquer coisa: espingarda, animais e fumo.

Nos anos de 1968, 1969 e 1970 houve muitos problemas de posses, os jagunços ameaçavam e agrediam os colonizadores, o relato de um morador demonstra as situações ameaçadoras e perigosas que os colonizadores vivenciavam:

Conheço a comunidade desde o início. Só sei que na época que entramos existia muita confusão com os Jagunços. Teve gente que voltou por medo. Era uma bagunça. Muitas vezes as pessoas tinham que se esconder e dormir no mato. A situação acalmou mesmo quando pegaram um dos líderes e amarraram na casa do seu adão. Depois o levaram de arrasto atrás do jipe – Relato de Pedro Otávio da Silva- (Lunkes, 2005, p. 319).

Em 1971 e 1972 ocorreu uma revolução nas terras, um grande fazendeiro chegou nas terras de *Vista Alta* e queria desapropriar os moradores, para alguns davam dinheiro, para outros nada, houve muitos confrontos. Outro relato muito forte é de Maria da Silva Back:

Um dia chegaram ao nosso galpão querendo que entregasse as nossas terras por dez mil. Pediram se tínhamos armas ali dentro, foram para invadir. Impedi a entrada deles, um deles me mandou sair da porta, me chamou de sujeira, negra, vagabunda, barriguda. E depois ameaçou dar um tiro na minha barriga, eu estava esperando um bebê. Olhava para eles e rezava para meu Jesus de Iguape, entregar nosso lugar ia comprometer todos os outros posseiros. Chegava perto do Alberto ameaçando com uma arma e chamando de alemão covarde. (Lunkes, 2005, p. 391)

Esses relatos mostram quanto as comunidades sofreram com os grandes fazendeiros e jagunços, e muitos esperam até hoje a regularização das terras.

Não há informações quanto as motivações toponímicas do Assentamento Santa Isabel, sabe-se que, antigamente, era uma fazenda com este nome, e a partir do ano de 1988 foi invadida e ocupado pelos sem-terra, após a invasão foi realizado um projeto de assentamento, com ajuda direta do Incra e Governo Federal. A partir do ano 2000, a prefeitura de Missal auxiliou na formação da comunidade com estradas, pontes e transporte escolar para os alunos, parte da área hoje pertence ao município de Ramilândia (Lunkes, 2005).

Síntese

As nomeações dos lugares eram orientadas pelas motivações da própria comunidade. No caso dos *Insiders*, há muitas nomeações “sugeridas” por algum padre: na Gleba dos Bispos em Missal, o topônimo era frequentemente escolhido pelo Padre responsável pela colonização, Bispo ou outras orientações religiosas, o que deixa claro que as motivações religiosas na escolha de nomes de ruas, comunidades e vilas foram predominantes. Os indivíduos que não residiam na Gleba dos Bispos eram considerados *Outsiders*, suas motivações também indicam predominância de motivação religiosa e a influência de um padre.

No gráfico a seguir, está disposta a quantidade de nomeações *Insiders* e *Outsiders*. Ele indica que a quantidade de topônimo em cada toponímia e a característica em que convergem: a motivação religiosa.

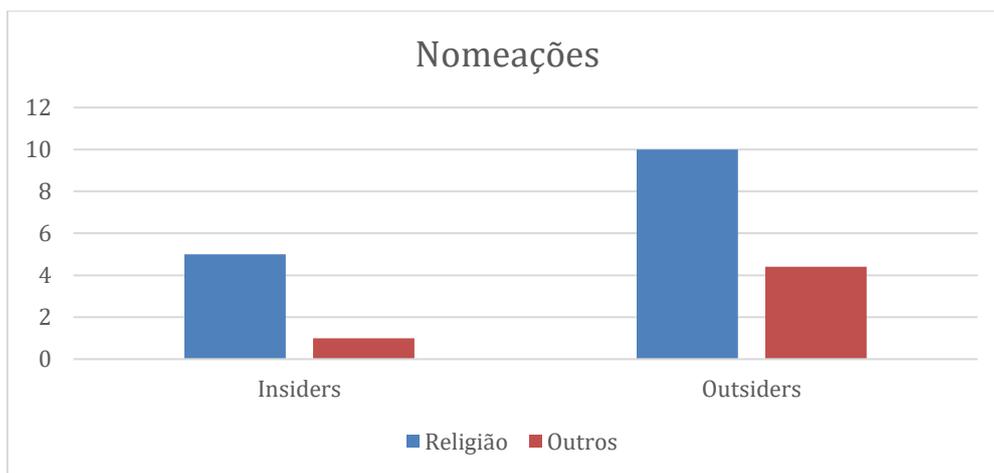


Gráfico 1 – Nomeações *Insiders* e *Outsiders*⁶

Os documentos e materiais analisados, mostram que a maior parte das nomeações é de origem religiosa e foi sugerida por dois Padres, no que concerne os nomes de dentro da Gleba dos Bispos e aqui considerados *Insiders*, o Padre José Backes sugeria as nomeações, percebe-se que ele possuía grande influência nas decisões e organizações. Já nas nomeações consideradas *Outsiders*, há outro Padre influenciando em grande parte das nomeações religiosas, o Padre Beno Butske.

O maior número de comunidades e respectivos topônimos, por sua vez, se deve ao fato de a entrada de pessoas na Gleba dos Bispos ter sido limitada àqueles que cumpriam com exigências – ser católico e alemão - e a maioria dos que vinham interessados em habitar não atendia. Dessa forma, as nomeações pertencentes a Missal – Gleba dos Bispos – é menor, visto que pertencia a um grupo específico de pessoas, já as outras regiões foram surgindo e crescendo conforme a chegada de novos moradores, oriundos de estados e religiões diferentes, resultando na criação de várias linhas, esquinas e vilas, lugares que ao serem nomeados deram origem a mais topônimos.

A análise quantitativa percentual mostra, contudo, que não há mais nomeações religiosas no grupo excluído: enquanto neste grupo 47% dos topônimos apresentam motivação religiosa, 62,5% das nomeações *Insiders* apresentam essa motivação. Independentemente da quantidade, é inegável que a característica em comum aos grupos é a predominância de nomes religiosos em ambos os grupos, *Insiders* e *Outsiders*.

Dessa forma, os nomes que não possuem motivações religiosas, foram organizados na tabela a seguir, e classificados conforme o modelo metodológico de classificação toponímica

⁶ Fonte: Elaboração própria.

proposto por Dick (1990) que tem por base o conteúdo semântico do nome, sendo organizado por 27 categorias taxionômicas, 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural.

Natureza	Toponímia <i>insiders</i> não religiosa	Toponímia <i>outsiders</i> não religiosa
Antropocultural	Caçador (Sociotopônimo)	Boa Esperança (Animotopônimo)
		União da Vitória (Corotopônimo)
		Vista Alegre (Animotopônimo)
	Três irmãos (Antropotopônimo)	Esquina Gaúcha (Corotopônimo)
		Portão do Ocoí (Ergotopônimo)
Física		Linha Bandeirantes (Historiotopônimo)
		Cabeceira do Cedro (Fitotopônimo)
		Jacutinga (Zootopônimo)
		Linha Alto e Médio Rio Branco (Morfotopônimo)
		Sanga Seca (Hidrotopônimo)
	Vista Alta (Geomorfotopônimo)	

Quadro 3 – Topônimos sem motivações religiosas⁷

A partir da tabela, é possível visualizar que há mais motivações *outsiders* e *insiders* não religiosas de característica antropocultural e que apenas na toponímia *outsider* houve motivação de natureza física. Mesmo considerando que as motivações toponímicas, segundo o modelo taxionômico de Dick (1990) são oriundas das experiências culturais, sociais e históricas dos grupos, mais pesquisas são necessárias para se saber por que houve predomínio de motivação física na toponímia *outsider*.

Considerações finais

Fundamentada nos dados coletados por Lunkes (2005) e no aporte teórico da Onomástica Dick (1992), Seide (2010) e Bastiani (2016) e da Sociologia Elias e Scotson (1992), a pesquisa ora descrita possibilitou a identificação de processos sociais e culturais envolvidos no processo de colonização e formação do município de Missal, abrangendo a história do nome, informações geográficas, resgate de informações históricas, culturais e religiosas.

O estudo contribui para o enriquecimento e preservação da história do município em questão, através da pesquisa sobre a origem dos nomes das comunidades, vilas e distritos,

⁷ Fonte: Elaboração própria.

colaborando assim para a construção e conservação da memória histórica e cultural. Além disso, impulsiona os avanços dos estudos toponomásticos e estimula o desenvolvimento de novas ideias, abrindo caminhos para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ANANIAS, I. Os hagiônimos como motivação de nomes de lugares: o que revelam os dados da toponímia paranaense. **GTLex**, Uberlândia, vol. 6, n. 1, jul./dez. 2020, p. 147-166.

BASTIANI, C. **Relações entre nome e lugar**: estudo dos nomes das escolas públicas de Porto Nacional em uma perspectiva interdisciplinar da Geografia e da Toponímia. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína – Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2016.

CIDADE, R. E. Estabelecidos e Outsiders: traçando um paralelo com a inclusão do portador de deficiência na escola. **Revista Conexões**, n. 5, 2000, p. 23-25.

DICK, M. V. de P. do A. (1992). **Toponímia e Antroponímia no Brasil**: Coletânea de estudos. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.

ELIAS, N e SCOTSON, J, N. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.

GUIMARÃES, E. (2002). **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes.

KISSLER, J. C.; SALVINI, L. M.; MARCZINSKI, N. H. A ocorrência de historiotopônimos nas ruas de Marechal Cândido Rondon. **Onomástica desde América Latina**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 110–129, 2021. DOI: 10.48075/odal.v0i0.27311. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/27311>. Acesso em: 1 jul. 2022.

KLAUCK, S. **Gleba dos Bispos**. Colonização no Oeste do Paraná - uma experiência católica de ação social. Porto Alegre, RS: EST Edições, 2004.

LUNKES, G. **Missal tem muito futuro neste passado**. 1. ed. Marechal Cândido Rondon, PR: Germânica, 2005.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/linha%20/>. Acesso em 18 de maio de 2022.

SEIDE, M.S. Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. **Confluência**, n.44-45, p.165-184, 2013.

UNSER, O. **Língua, cultura e identidade em contexto de línguas em contato no Município de Missal**. Cascavel, 2006.

Como referenciar este artigo:

JUNGES, Bruna. Estudo toponímico das vilas, distritos e comunidades do município de Missal - PR. **revista Linguagem**, São Carlos, v.44, n.1, p. 3-21, 2023.

Submetido em: 15/08/2022

Aprovado em: 02/10/2023